

Aforização, participação e a construção de um enunciador justiceiro em manchetes de jornais populares

Aphorization, participation-citation, and the construction of a vigilante enunciator in popular newspaper headlines

Rodrigo da Silva Campos¹
Jorge Cardoso Paulino²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o uso de aforizações em oito manchetes dos jornais populares (AMARAL, 2006) cariocas *Meia Hora* e *Expresso*. Parte-se do pressuposto de que as manchetes constituem espaços privilegiados de disputa de sentidos e de circulação de valores sociais, nos quais se articulam múltiplas vozes e posicionamentos ideológicos. O referencial teórico fundamenta-se na Análise do Discurso de base enunciativa, especialmente nos conceitos de aforização e participação, conforme propostos por Maingueneau (2004, 2008, 2010). Metodologicamente, realiza-se a análise qualitativa de um conjunto de manchetes, observando-se os efeitos de sentido produzidos pela mobilização de aforizações de destaque constitutivo, aforizações destacadas de outros textos e aforizações alteradas. Os resultados evidenciam a recorrência de um enunciador que legitima uma concepção punitiva de justiça, marcada pela exaltação da violência estatal, pela inferiorização dos bandidos e pela naturalização da morte como solução para o crime.

Palavras-chave: Análise do discurso. Enunciação. Jornalismo popular. Aforização. Participação.

Abstract: This article aims to analyze the use of aphorizations in eight headlines from the Rio de Janeiro popular newspapers *Meia Hora* and *Expresso* (AMARAL, 2006). It is based on the assumption that headlines constitute privileged spaces for the dispute of meanings and the circulation of social values, in which multiple voices and ideological positions are articulated. The theoretical framework draws on enunciative Discourse Analysis, particularly the concepts of aphorization and participation, as proposed by Maingueneau (2004, 2008, 2010). Methodologically, the study conducts a qualitative analysis of a set of headlines, observing the effects of meaning produced through the mobilization of constitutive highlighting aphorizations, aphorizations taken from other texts, and altered aphorizations. The

¹ Professor Adjunto de Língua Espanhola na UERJ. Vice-Diretor do Instituto de Letras (2024-2027). Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLILP), no Instituto de Letras, e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPLIN), na Faculdade de Formação de Professores (UERJ). É coordenador do Projeto de Extensão Oficina On-line de Espanhol para Crianças (LICOMzinho). Doutor e Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Prociência (UERJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1722-5260>. E-mail: rodrigocampos.rsc@gmail.com

² Doutor em Educação (UFRJ), mestre em Arte (UNB) e licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amapá. Pesquisa questões relacionadas a perspectivas pedagógicas em Arte/educação; Educação da Cultura Visual; Estudos Culturais; Letramento Racial; Livro Didático e Educação Antirracista. Atualmente, é professor substituto na Faculdade de Educação (UFRJ), professor na prefeitura de Maricá e na Escola Modelar Cambaúba. Possui experiência como artista contemporâneo, mediador cultural de exposições de arte e dispõe de qualificações como ator teatral.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5920-5719>. E-mail: jorgepaulino.jcp@gmail.com

results reveal the recurrence of an enunciator that legitimizes a punitive conception of justice, marked by the exaltation of state violence, the inferiorization of criminals, and the naturalization of death as a solution to crime.

Keywords: Discourse Analysis. Enunciation. Popular journalism. Aphorization. Participation-citation.

Recebido em: 29/12/2025

Aceito em: 29/04/2026



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

“Espreme que sai sangue”: considerações iniciais

O presente artigo insere-se no campo dos estudos discursivos sobre o jornalismo de viés popular e toma como objeto de análise a construção de diferentes imagens de enunciador em manchetes dos jornais cariocas *Meia Hora* e *Expresso* por meio do uso de aforizações. Partindo da compreensão de que as manchetes configuram espaços de disputa de sentidos, o trabalho tem como objetivo analisar os modos pelos quais se constrói, nesses periódicos, a imagem de um enunciador justiceiro, por meio da mobilização de outras vozes convocadas a falar em discursos jornalísticos. Para tanto, articulamos a análise das manchetes dos referidos jornais a pressupostos teóricos da Análise do Discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 2004), em especial aos conceitos de aforização e participação (MAINGUENEAU, 2008, 2010).

Nesta seção, apresentamos brevemente o contexto sociohistórico de surgimento dos jornais *Meia Hora* e *Expresso*, situando-os no mercado editorial carioca e nas disputas simbólicas que atravessam o jornalismo popular (AMARAL, 2006), conceituação que será explicada adiante. Em seguida, na seção seguinte, discutimos os fundamentos teóricos que orientam a análise, com ênfase nos conceitos de aforização e participação, explorando suas implicações para a compreensão do funcionamento discursivo das manchetes jornalísticas que compõem o *corpus* deste trabalho. Por fim, realizamos a análise de oito manchetes desses jornais, em que evidenciamos possíveis sentidos produzidos pela entrada de outras vozes e destacamos a construção de um enunciador marcado pela defesa de uma justiça punitiva e violenta.

Nesta pesquisa, para fins de conceituação, os jornais *Meia Hora* e *Expresso* são compreendidos como jornais populares, rejeitando-se a noção de “jornalismo sensacionalista”.

Tal classificação, oriunda dos estudos da Comunicação Social, fundamenta-se no público leitor ao qual esses jornais se destinam (classes C e D). Segundo Amaral (2006), o termo “sensacionalismo” possui caráter pejorativo e não deveria ser empregado para qualificar os jornais populares. A autora propõe, inclusive, uma ressignificação do conceito, ao considerar que sensacionalista seria tudo aquilo que afeta as nossas sensações e, a partir desse entendimento, haveria algum grau de sensacionalismo em qualquer jornal, independentemente de pertencer ou não ao segmento popular.

Para compreender o surgimento e a consolidação dos jornais Meia Hora e Expresso, torna-se necessário considerar a conjuntura histórica em que emergem. Em 1951, surge no Rio de Janeiro o jornal O Dia, publicado pelo Grupo O Dia. Em seus primeiros anos, adota um estilo próximo ao do jornal paulista Notícias Populares, caracterizado pela recorrência de desastres, escândalos, tragédias, crimes e elementos de misticismo. Em 1983, o jornal é adquirido pelo jornalista Ary de Carvalho e passa a se desvincular progressivamente da imagem sintetizada pela expressão “espreme que sai sangue”. A partir de 1989, O Dia é reposicionado no mercado, apresentando-se como um jornal que se afasta do que seria caracterizado como sensacionalismo e do binômio sexo-crime (AMARAL, 2006).

Nesse novo cenário, deixam-se de veicular manchetes policiais, e o jornal passa a disputar, no Grande Rio, o mesmo público do jornal O Globo, pertencente ao grupo Infoglobo. Ao perceber o crescimento de O Dia frente a O Globo, a Infoglobo lança um jornal popular com o objetivo de concorrer diretamente com O Dia, estabelecendo uma disputa entre dois periódicos populares, enquanto O Globo se mantém no segmento dos chamados jornais “de referência” (AMARAL, 2006).

É nesse contexto que surge, em 1998, o jornal Extra, editado pela Infoglobo e comandado pelo jornalista Eucimar de Oliveira, oriundo do próprio O Dia. Segundo Amaral (2006), o Extra apresenta-se como um jornal popular voltado à prestação de serviços ao leitor. Com o crescimento do novo periódico, O Dia passa a perder leitores, o que leva o Grupo O Dia a reagir por meio da criação de um novo jornal em formato tabloide. Assim, em 19 de setembro de 2005, é lançado o Meia Hora.

Ao se apresentar como alternativa ao Extra, o Meia Hora alcança um novo nicho de consumidores, sobretudo das classes C e D (OLIVEIRA, 2006), obtendo expressivo sucesso de vendas. Esse movimento leva a Infoglobo a lançar, em 27 de março de 2006, o jornal Expresso, concebido com características semelhantes, a fim de disputar o mesmo segmento do mercado. Os dois jornais configuram-se, portanto, como concorrentes diretos e análogos, uma vez que

ambos se inscrevem no jornalismo popular em formato tabloide e se dirigem prioritariamente às classes C e D.

Delineado esse percurso sociohistórico, passamos, na seção seguinte, à discussão do arcabouço teórico que fundamenta este estudo. Nela, abordamos os fenômenos linguísticos da aforização e da participação, conceitos centrais para a compreensão do funcionamento discursivo das manchetes analisadas, na medida em que permitem problematizar os modos de destacamento, circulação e ressignificação dos dizeres, bem como os efeitos de sentido implicados na construção das imagens de enunciador.

Aforização e participação: a entrada de outras vozes no discurso

Maingueneau (2010) concebe as aforizações como enunciados que se caracterizam por serem destacáveis, genéricos, memorizáveis e reutilizáveis em contextos diversos. Podem ser tomados como exemplos desses funcionamentos enunciados como “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”, “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, “Uma andorinha só não faz verão”, dentre outros provérbios, passagens bíblicas e máximas filosóficas.

Essas aforizações produzem sentidos de alcance geral, não direcionados a um coenunciador e nem a um contexto específico, o que favorece a construção de uma ideia de “verdade absoluta”. Nessa perspectiva, tais enunciados constituem aforizações de destacamento constitutivo, isto é, inerentes à sua própria natureza enunciativa.

Sobre esse tipo de aforização, vale destacar que por circularem reiteradamente em diferentes contextos discursivos, não é possível localizar um contexto originário ou uma primeira situação de enunciação desses enunciados, o que inviabiliza a identificação de uma fonte inaugural ou de um autor específico, por exemplo.

Por outro lado, ainda de acordo com Maingueneau (2010), existiria também a aforização destacada de um texto, isto é, um enunciado originalmente inscrito em um contexto específico que é extraído desse espaço enunciativo e passa a circular de forma relativamente autônoma em outros contextos.

Trata-se, por exemplo, de fragmentos retirados de letras de músicas ou de obras literárias que, ao serem destacados, adquirem novos efeitos de sentido. Seriam exemplos expressões como “Deixe a vida me levar”, oriunda de uma canção de Zeca Pagodinho; “E agora, José?”, retirada de um poema de Carlos Drummond de Andrade etc. Nesses casos, o enunciado deixa

de remeter à obra de origem e passa a operar discursivamente a partir do novo contexto de enunciação em que é mobilizado.

Ao considerarmos as contribuições de Maingueneau acerca desses conceitos, aqui propomos um terceiro tipo de aforização, o qual chamamos de aforização alterada. Fundamentamo-nos nos critérios apresentados pelo autor para sustentar a pertinência dessa proposta classificatória. Desta forma, compreendemos que a aforização alterada caracteriza-se por: a) ter sua inteligibilidade condicionada ao conhecimento prévio da expressão à qual faz alusão, estabelecendo, desse modo, relações intertextuais com um enunciado previamente estabilizado; b) apresentar a propriedade da destacabilidade, podendo ser isolada do contexto imediato de enunciação; c) assumir caráter memorizável, favorecendo sua circulação e reconhecimento; e d) enquadrar-se na propriedade da reutilização, uma vez que sua própria constituição decorre da retomada e da reconfiguração de um enunciado já existente em um novo contexto comunicativo.

Maingueneau (2008) propõe que as aforizações sejam concebidas simultaneamente como inéditas e imemoriais. São inéditas porque se atualizam na própria enunciação, de modo que, ainda que se trate de enunciados previamente conhecidos, seus sentidos somente se constroem na e pela enunciação atual. Fora desse acontecimento enunciativo, permanecem como formulações soltas, desprovidas de contexto. São imemoriais porque, ao serem lidas, tornam-se reconhecíveis, isto é, podem ser percebidas como enunciados já produzidos anteriormente por outrem, ainda que, muitas vezes, não se saiba por quem e nem em que contexto.

Nessa direção, Maingueneau (2008, p. 78) afirma que a aforização “ultrapassa a si mesma no exato momento em que se enuncia [...]”. O autor, contudo, chama a atenção para o fato de que a descontextualização dos enunciados aforizantes, decorrente de seu elevado grau de destacabilidade, exige um trabalho interpretativo por parte do coenunciador (MAINGUENEAU, 2010), de modo que o entendimento pode se perder em razão da ausência de repertório suficiente para a compreensão de um dado enunciado. Nesses casos, torna-se necessário recuperar aspectos do contexto do qual o enunciado aforizante foi extraído para que a construção de sentido se dê.

Ao mobilizarmos o fenômeno da entrada de outras vozes em um determinado discurso por meio do recurso à citação de aforizações, recorreremos necessariamente a outro conceito proposto por Maingueneau (2008): a participação, termo que funde “participação” e “citação”. O autor define a participação como uma forma de citação que deve ser reconhecida como tal,

embora não apresente, necessariamente, marcas explícitas de citação. Trata-se, portanto, de uma citação realizada sem a indicação da fonte e sem a demarcação clara de um distanciamento entre o discurso do enunciador citante e o do enunciador citado. Espera-se que o coenunciador identifique a presença dessa outra voz. Contudo, tal reconhecimento depende de seus conhecimentos acumulados e de suas experiências discursivas, podendo ou não se efetivar. Em razão da ausência de marcas explícitas, o coenunciador pode, assim, não reconhecer, no enunciado em questão, a presença de uma outra voz discursiva.

À luz das discussões apresentadas, pode-se afirmar que os conceitos de aforização e de participação oferecem ferramentas analíticas para a compreensão do funcionamento discursivo de enunciados que circulam de modo destacado e reutilizável em diferentes contextos. É a partir desse arcabouço teórico que se torna possível analisar, de maneira mais precisa, o funcionamento das manchetes dos jornais populares Meia Hora e Expresso. Na seção seguinte, dedicada à análise do *corpus*, observaremos como as aforizações e as participações são mobilizadas nessas manchetes para fazer circular determinados valores e posicionamentos acerca da criminalidade, da violência e da atuação policial.

“Bandido bom é bandido morto”: a construção discursiva de um enunciador justiceiro

De acordo com López Hidalgo (2009), a manchete constitui-se como um gênero composto por três possíveis subdivisões: antetítulo, título e subtítulo. Tal organização não é obrigatória, podendo variar conforme a configuração da manchete veiculada.

O antetítulo antecede o título e caracteriza-se por apresentar um breve comentário sobre aquilo que será enunciado a seguir. Pode assumir a forma de uma simples nota, embora não esteja presente em todos os jornais. O título, por sua vez, destaca-se graficamente, geralmente em letras grandes ou em negrito, e tem a função de sintetizar o conteúdo da notícia, sendo conhecido, portanto, como a “manchete propriamente dita”. Já o subtítulo aparece após o título e oferece ao leitor uma descrição ou um comentário complementar acerca do título. Esta explicitação faz-se necessária para a compreensão da análise apresentada adiante, uma vez que neste trabalho, entendemos a manchete como o conjunto formado por essas diferentes partes.

O enunciado 1, presente na figura 1, traz, em seu título, uma relação intertextual com a letra do samba “Tem capoeira”. Tal relação é compreendida como uma aforização alterada, resultante de um processo de participação, nos termos de Maingueneau (2008):



Figura 1 - Meia Hora - 31/05/2011

A seguir, apresentamos o enunciado considerado “original” e sua versão alterada, ambos contidos na figura 1. O enunciado original é: “Cuidado que a Mangueira vem aí, é bom se segurar que a poeira vai subir”. Já a versão alterada é: “Cuidado que o BOPE vem aí, é bom se segurar, a poeira vai subir”.

A participação de aforização alterada interpela diretamente o coenunciador, advertindo-o a ter cuidado diante da chegada do BOPE³ ao Morro da Mangueira. O enunciado faz circular o tema da violência e da política de segurança pública por meio de múltiplas vozes que são mobilizadas e convocadas a falar, especialmente a partir das aforizações alteradas e de suas relações intertextuais.

No antetítulo, “Chegou, ô, ô, ô, a UPP chegou, ô, ô”, é evocado um fragmento do samba-exaltação da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, “Ô,ô,ô,ô, a Mangueira chegou ô, ô⁴”. Aqui é possível observar que o enunciador mobiliza essa voz por meio de um processo de alteração de uma participação, visto que ela não se apresenta tal como formulada na canção. Ao destacar esse enunciado e fazê-lo circular em um outro contexto, sob uma nova configuração, o enunciador recorre, assim, ao que compreendemos como uma aforização alterada.

³ O Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) é uma unidade de elite da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, especializada em operações de alto risco, como o enfrentamento ao crime organizado, ações em áreas de conflito armado, resgate de reféns e ocorrências que exigem treinamento tático e armamento específicos.

⁴ Fonte: <http://letras.mus.br/beth-carvalho/191084/> - Acesso em: 05 jan. 2026.

A aforização alterada em questão tematiza a ocupação policial no Morro da Mangueira, porém, no enunciado, quem chega não é a Mangueira, enquanto escola de samba, mas a UPP⁵, isto é, o Estado. Observa-se, assim, que a aforização alterada atualiza um enunciado prévio em um novo contexto sociohistórico.

Como vimos, faz-se aqui uma alusão a um samba exaltação de uma escola de samba. Diferentemente do gênero samba-enredo, que é composto a cada ano a partir de um tema específico, o samba-exaltação caracteriza-se tendo como finalidade exaltar a escola e destacar aspectos de sua gloriosa história.

O enunciador, ao mobilizar o samba-exaltação em seu discurso por meio da aforização para anunciar a instalação de uma UPP, convoca o coenunciador a comemorar, celebrar e exaltar essa política de segurança pública do Estado do RJ. Nesse gesto, o enunciador se constrói como aquele que anuncia a “boa nova” da pacificação que passaria a vigorar em uma área anteriormente marcada pelo crime e pela violência.

A partir dessa leitura, observamos que o antetítulo, ao exaltar a UPP, dirige-se a um coenunciador diferente do coenunciador interpelado no título. Vejamos: “Chegou, ô, ô, ô, a UPP chegou, ô, ô” (coenunciador 1); “cuidado que o BOPE vem aí, é bom se segurar, a poeira vai subir” (coenunciador 2).

No antetítulo, celebra-se a chegada da UPP, enquanto, no título, o coenunciador é advertido. Trata-se, portanto, da construção de dois coenunciadores distintos. De um lado, figura o “cidadão de bem”, para quem a presença do poder público não representa motivo de temor. De outro, situam-se os “cidadãos que não são de bem”, isto é, os criminosos, que, segundo o enunciador, deveriam temer a chegada do BOPE.

No subtítulo contido na parte inferior da capa da manchete em foco há o seguinte fragmento: “Finalmente o cenário da Mangueira voltará a ser uma beleza. A favela vai ganhar uma UPP a partir de junho. A policiada está cheia de amor pra dar, e a bandidagem já começou a vazar, apavorada.”. Nesse trecho, percebemos que o enunciador volta a mobilizar a voz do samba-exaltação para representar a transformação pela qual a comunidade passaria com a implantação da polícia pacificadora. Para isso, o enunciador faz uso da participação do verso:

⁵ Unidade de Polícia Pacificadora (UPP): programa de segurança pública implementado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro a partir de 2008, com o objetivo de retomar o controle de favelas antes dominadas por organizações criminosas por meio da ocupação permanente, policiamento comunitário e redução da violência nesses territórios.

“Mangueira, teu cenário é uma beleza que a natureza criou”⁶, expressa por meio da aforização alterada: “[...] o cenário da Mangueira voltará a ser uma beleza”.

Os criminosos são construídos discursivamente pelo enunciador como sujeitos frágeis, que fogem “apavorados”, representação que serve para enaltecer o BOPE como a “polícia que realmente mete medo” e para reforçar a própria imagem do enunciador como um enunciador justiceiro.



Figura 2 - Meia Hora – 14/11/2011

⁶ Fonte: <http://letras.mus.br/beth-carvalho/191084/> Acessado em: 08/02/2013



Figura 3 - Expresso - 12/11/2011

Nas figuras 2 e 3, encontram-se os enunciados 2 e 3, nos quais apresentamos, respectivamente, manchetes dos jornais “Meia Hora” e “Expresso”. Ambos os enunciados constroem um enunciador que anuncia a chegada da Polícia às comunidades por meio de sua supervalorização e enaltecimento, apresentando a instituição como uma espécie de “salvadora da pátria” diante dos “vilões”, isto é, dos bandidos, que são representados como subvalorizados, reduzidos a seres menores e inferiores. Para noticiar a chegada do poder público às comunidades da Rocinha e do Vidigal, esses enunciados mobilizam a voz da letra de um funk “Tá dominado”, de *SD boys*, recorrendo a aforizações como estratégia para marcar a entrada de um outro enunciador no discurso.

O enunciado 2 mobiliza um fragmento dessa música, tal como a composição original. Esse procedimento de citação caracteriza-se, conforme discutido anteriormente, como uma participação de aforização destacada de um texto. Nesse enunciado, ao trazer a voz dessa música para afirmar que “está tudo dominado”, constrói-se a imagem de uma polícia que passa a dominar um espaço do qual antes estaria ausente.

A marcação da presença de uma polícia poderosa implica, simultaneamente, a diminuição dos bandidos, o que se materializa linguisticamente pelo uso do verbo “triturar”, empregado pelo enunciador para indicar que a bandidagem foi derrotada, ou mesmo morta, pela polícia. Os bandidos são insultados e representados como “vagabundos” que, diante da “Super Polícia”, fogem “com o rabinho entre as pernas”, reconhecendo, assim, a superioridade da instituição policial. Observe-se, ainda, que a polícia é referida nesse enunciado como uma instituição libertadora, que chega às comunidades para “liberá-las” do domínio da bandidagem.

O enunciado 3 retoma a mesma composição “Tá dominado” mobilizada no enunciado 2. No entanto, adota um procedimento distinto para marcar a entrada de outra voz em sua enunciação, pois, ao evocar essa música, o enunciador promove uma modificação em sua letra, operando um processo de particitação de uma aforização alterada, expresso em seu antetítulo pelo fragmento: “Hoje vai ficar tudo dominado”.

Observe-se que, nesse enunciado, constrói-se uma imagem de uma Super Polícia de caráter messiânico, na medida em que a instituição policial se apresenta como aquela que traz a paz, sendo-lhe atribuída a responsabilidade por “instalar a paz e a tranquilidade” na comunidade.

De modo contraditório, a mesma polícia construída como agente de paz, isto é, como pacificadora, é também aquela que mata, que “tritura” a bandidagem e que, segundo o próprio enunciado 3, “caça” os bandidos. O uso do verbo “caçar” contribui para intensificar a inferiorização desses sujeitos, ao compará-los a animais. A atividade da caça implica perseguir um animal, matá-lo e capturá-lo. Para fins de reflexão, coloca-se, então, a seguinte questão: o dever da Polícia seria matar os bandidos ou prendê-los? Cabe registrar que tal questionamento somente se instaura para o leitor que interpreta a noção de “caça” como inadequada.

A imagem de enunciador que se constrói é a de um sujeito favorável à “caça” aos bandidos. Para esse enunciador justiceiro, não há problema algum em matar bandidos, uma vez que se ancora na máxima segundo a qual “bandido bom é bandido morto”. Ao posicionar-se dessa maneira, o enunciador constrói, de forma correlata, o seu par interlocutivo, instaurando um coenunciador que compartilha dessa posição de “justiça a qualquer preço”.



Figura 4 - Meia Hora - 20/01/2012

A figura 4 traz o enunciado 4, no qual o enunciador celebra o aniversário do BOPE e “canta”, no antetítulo da manchete, um refrão tradicionalmente entoado após a canção “Parabéns pra você” em algumas regiões do Brasil: “Então como é que é? É big, é big...”.

Nesta manchete, o enunciador faz uma participação de uma aforização destacada de um texto. Observa-se, ainda, a construção de um jogo de palavras no título, que se articula com a imagem que o acompanha, na qual aparecem quatro velas, passíveis de serem interpretadas tanto como velas de um bolo de aniversário quanto como velas associadas a um velório. Ao empregar o verbo “apagar”, em articulação com a imagem das velas e com a informação de que a corporação celebra um aniversário, instaura-se a possibilidade de leitura segundo a qual o verbo alude ao gesto de apagar as velas de um bolo comemorativo.

O verbo “apagar”, contudo, na gíria coloquial carioca, pode significar “matar” ou “assassinar”, instaurando-se, assim, uma ambiguidade em torno do termo. Essa polissemia se confirma no subtítulo, no qual o enunciador afirma que o BOPE, referido como “caveiras”, “não pôde comemorar a data porque teve que trabalhar pesado” ao enfrentar traficantes em uma favela. Trabalhar pesado passa, então, a significar “partir para o confronto”, o que constrói a imagem de uma polícia que não visa à prisão dos bandidos, mas à sua eliminação, ao seu extermínio, fazendo cessar a violência por meio da própria violência. O enunciador justiceiro, admirador declarado dessa Super Polícia, ao mesmo tempo em que lamenta o fato de o BOPE não ter podido comemorar seu aniversário, celebra ao anunciar que, no dia da comemoração, a

corporação “apagou quatro”. Quatro velas ou quatro pessoas? Observe-se que o enunciador naturaliza essa atuação policial, aceitando-a como algo normal e legítimo.



Figura 5 - Meia Hora - 16/04/2011

Na figura 5, temos o enunciado 5, no qual se apresenta um enunciador que mobiliza uma voz veiculada no programa televisivo Fantástico, da Rede Globo, por meio da expressão “Isso sim é fantástico!”. O enunciado é uma participação de uma aforização destacada de um texto. Ao incorporar uma voz oriunda de um programa de televisão, o enunciador explicita a aliança construída entre o jornal e a polícia, ao anunciar que o policial que prender três bandidos terá o direito de pedir música no jornal. Tal procedimento retoma uma prática consagrada no referido programa televisivo, segundo a qual o jogador que marca três gols em uma partida de futebol conquista o direito de escolher uma música, que toca brevemente durante o tal programa de TV.

Constrói-se, assim, a imagem de um enunciador telespectador, atento ao que circula nos programas que assiste e capaz de estabelecer relações de intertextualidade em seu enunciado. De modo correlato, instaura-se um coenunciador igualmente telespectador e, além disso, transpõe-se para a mídia impressa um procedimento próprio da mídia audiovisual. Enquanto, na televisão, o pedido de uma música possibilita que os telespectadores a ouçam, no jornal impresso, tal pedido não permite a escuta da música no momento da enunciação.

O enunciador constrói-se como parceiro da Super Polícia no enfrentamento ao crime, de modo que o gesto de pedir música no jornal após a prisão de três criminosos passa a significar “dar uma força no combate à criminalidade”. Além de se posicionar como aliado da instituição policial, o enunciador apresenta-se também como um torcedor (PRA CIMA DELES, POLIÇADA!). Cabe ressaltar que, mais uma vez, os bandidos são representados de forma insultuosa, sendo designados como “vagabundos” pelo enunciador.



Figura 6 - Expresso - 28/02/2012

A figura 6 apresenta, em seu enunciado, a prisão de um traficante ocorrida durante o enterro de sua avó. No antetítulo: “Perdeu sem choro nem vela”, o enunciador introduz uma outra voz ao fazer alusão à canção “Fita Amarela”, de Noel Rosa, na qual se afirma: “Quando eu morrer, não quero choro nem vela...”⁷. Faz-se uso nesse enunciado de uma participação de uma aforização alterada, por destacar um fragmento de um enunciado prévio e modificá-lo.

Um dos sentidos atribuídos ao uso coloquial do verbo “perder” na cidade do Rio diz respeito ao ato de ser preso, sendo a expressão “Perdeu, playboy!” bastante conhecida e utilizada por policiais ao anunciarem a voz de prisão a um bandido.

⁷ <http://letras.mus.br/noel-rosa-musicas/78664/> Acesso em: 05 jan. 2026.

Em diálogo com a canção de Noel Rosa, o enunciador citado mobiliza o verbo “perder” para referir-se à prisão do traficante e evoca a música em função do contexto em que a prisão ocorreu, uma vez que a canção tematiza a morte, situação na qual o traficante se encontrava no momento de sua captura. Não houve “choro nem vela” quando da prisão, o que indica a ausência de qualquer forma de lamentação diante desse acontecimento. De modo geral, o enunciador constrói-se como impiedoso em relação aos bandidos, posicionando-se sistematicamente a favor da atuação policial e apoiando que esta realize seu trabalho e efetue as prisões, independentemente das circunstâncias em que os envolvidos se encontrem.



Figura 7 - Meia Hora - 16/06/2011

O enunciado 7, presente na figura 7, mobiliza um provérbio, compreendido aqui como uma participação de uma aforização de destaque constitutivo. Como já mencionado, os provérbios caracterizam-se por serem enunciados atribuídos a um alguém etéreo que fala desde um tempo imemorial. Trata-se, em outros termos, de significantes que se preservam, assumem caráter atemporal e produzem um efeito de generalização, podendo ser reutilizados em diferentes contextos (MAINGUENEAU, 2010).

Cabe ressaltar, contudo, que os sentidos se constroem no contexto de uso, isto é, na própria enunciação do provérbio, ainda que o significante permaneça o mesmo, sustentando uma ilusória ideia de cristalização. Entendemos que ao mobilizar um provérbio, o enunciador instaura um efeito moralizante ao noticiar que um estuproador morre do coração ao tentar violentar uma idosa de 77 anos, ao mesmo tempo em que se mostra satisfeito com essa morte e impiedoso em relação ao malfeitor, afinal “Aqui se faz, aqui se paga!”.

Observamos, ainda, a presença de uma chacota construída a partir da relação intertextual estabelecida entre os envolvidos no fato e os personagens da narrativa infantil “Chapeuzinho Vermelho”, na qual a Vovozinha é comida, isto é, engolida pelo Lobo Mau. No enunciado analisado, há a tentativa de que o suposto Lobo Mau, o estuprador, “comesse” ou “jantasse” a Vovozinha, sendo que, nesse contexto, os verbos comer e jantar adquirem uma conotação sexual, remetendo à própria consumação do ato. Trata-se, portanto, de um enunciador que se constrói, conforme discutido anteriormente, como impiedoso em relação aos malfeitores e criminosos em geral e que ainda faz piada com um tema tão grave como o do estupro de vulneráveis.



Figura 8 - Meia Hora - 29/04/2011

O enunciado 8, contido na figura 8, apresenta, o antetítulo: “Ladrão que rouba ladrão...”, o qual é um provérbio incompleto, compreendido aqui como uma participação de uma aforização de destaque constitutivo, de modo que o coenunciador, a partir de seu conhecimento de mundo acerca dos provérbios em língua portuguesa, possa completar mentalmente o sentido do enunciado. O provérbio em sua forma completa seria: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”.

Sobre o caráter polifônico da enunciação proverbial, Maingueneau (2010, p. 169-170) salienta que

A enunciação proverbial é fundamentalmente polifônica; o enunciador apresenta sua enunciação como uma retomada de inúmeras enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio. Não

se trata, porém, de uma citação no sentido habitual do termo, como ocorre, por exemplo, no discurso direto. Proferir um provérbio (...) significa fazer com que seja ouvida, por intermédio de sua própria voz, uma outra voz, a da “sabedoria popular”, à qual se atribui a responsabilidade pelo enunciado. O enunciador não explicita a fonte desse enunciado: cabe ao coenunciador identificar o provérbio como tal, apoiando-se, ao mesmo tempo, nas propriedades linguísticas do enunciado e em sua própria memória.

O provérbio é mobilizado em uma relação de interdiscursividade com o fato de o “chefão” do Morro de São Carlos ter sido sequestrado por outros bandidos e de traficantes de diferentes pontos da cidade terem se articulado para arrecadar o dinheiro do resgate a fim de garantir sua libertação. Nesse contexto, atualiza-se o provérbio mencionado, de modo que os crimes são cometidos entre eles, o que, segundo a lógica proverbial, lhes conferiria “cem anos de perdão”. Observe-se que o leitor é interpelado a reconhecer o provérbio e a completá-lo mentalmente para que a leitura se efetive e a alusão produzida pelo enunciador se torne perceptível. O enunciador, por sua vez, ao recorrer a um provérbio para atualizar uma situação de crime entre bandidos, constrói-se de forma irônica, pois, segundo essa mesma posição enunciativa, os bandidos não mereceriam perdão em hipótese alguma. Ainda que pratiquem crimes entre si, devem ser punidos, uma vez que, como já observado, trata-se de um enunciador impiedoso em relação à bandidagem.

Evidenciamos, por meio da análise das manchetes que trouxemos nesta seção, como os jornais Meia Hora e Expresso mobilizam aforizações em suas diferentes configurações e recorrem ao fenômeno da participação para construir imagens específicas de enunciador, bem como para fazer circular determinados posicionamentos discursivos acerca da violência, da criminalidade e da atuação policial. Na próxima seção, passamos às considerações finais, nas quais retomamos os principais resultados da análise e discutimos suas implicações para a reflexão sobre o jornalismo popular.

“Foi bom pra alguém?”: considerações finais

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram evidenciar que as manchetes dos jornais Meia Hora e Expresso não se limitam a informar fatos, mas operam como espaços privilegiados de construção discursiva de sentidos, nos quais se estabiliza a imagem de um enunciador justiceiro que defende uma concepção de “justiça a qualquer preço”. Esse enunciador se mostra reiteradamente impiedoso em relação aos bandidos, ao mesmo tempo em que se posiciona como admirador e aliado de uma “Super Polícia”, legitimando práticas

violentas do Estado e naturalizando a morte como solução para o enfrentamento da criminalidade. Tal posicionamento se materializa por meio do recurso sistemático às aforizações, acionadas tanto em sua forma de destacamento constitutivo quanto como aforizações destacadas de outros textos e, ainda, como aforizações alteradas, conforme propomos neste trabalho, revelando a centralidade da intertextualidade na produção dos efeitos de sentido analisados.

Observou-se que a destacabilidade dos enunciados mobilizados nas manchetes não implica mera repetição, mas processos de ressignificação que atualizam sentidos em novos contextos enunciativos. Ao convocar vozes oriundas de universos diversos, como o samba, o pagode, o funk, os provérbios e a mídia televisiva, constrói-se discursivamente um enunciador que se pretende próximo do leitor e que se ancora na figura do “cidadão de bem” em luta contra o “mal”.

A investigação das manchetes de jornais populares mostra-se, assim, particularmente relevante para os estudos discursivos, na medida em que o jornal constitui uma arena de embates simbólicos na qual múltiplas vozes, sentidos e posições enunciativas se confrontam. Nesse sentido, ao compreender o jornal como instância produtora de subjetividades, evidencia-se que as manchetes analisadas não apenas pressupõem um determinado leitor, mas contribuem para a sua constituição discursiva. O coenunciador desenhado é aquele que dissocia o crime de suas determinações sociais e políticas, que legitima a violência estatal, que admira uma polícia violadora de direitos e que não problematiza o fato de que todo cidadão, mesmo aquele que comete um crime, encontra-se sob a tutela da lei e da Constituição brasileira.

Por fim, as análises permitem afirmar que os jornais Meia Hora e Expresso, ao reiterarem imagens de enunciadores justiceiros e ao produzirem leitores “à sua imagem e semelhança”, colaboram para a manutenção e a circulação de valores conservadores, moralizantes e excludentes, marcados pelo deboche, pelo machismo e pela naturalização da violência.

Como sugestão para futuros trabalhos, destacamos a pertinência de pesquisas que investiguem o discurso do jornalismo popular e o recurso das aforizações na construção de sentidos sobre masculinidades, aspectos que, por escolha de recorte e limites deste artigo, não foram abordados em profundidade.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo popular*. São Paulo: Contexto, 2006.

LÓPEZ HIDALGO, Antonio. *El titular: manual de titulación periodística*. Cidade de México: Alfaomega, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Paulo. O Expresso está nas ruas. *Observatório da Imprensa*, 28 mar. 2006. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/saidas-para-a-midia/o-expresso-esta-nas-ruas/> Acesso em: 29 dez. 2025.